

O risco da negligência: um estudo de caso

RESUMO

O presente trabalho relata o estudo de caso de uma criança de 8 anos de idade, do sexo masculino, vítima de negligência que culminou em bárbara vitimização física (dilaceramento de partes do corpo por mordidas) e sexual praticada com requintes de perversidade, que quase o levou à morte. O estudo psicológico foi realizado por meio do Procedimento de Desenhos-Estórias, Teste de Apercepção Temática e Método de Rorschach. Os resultados indicaram marcadas tendências de passividade e dependência, além de intensa necessidade de cuidado e proteção. A representação da figura materna é passiva, empobrecida e pouco provedora e o ambiente sentido como ameaçador e pouco confiável, merecendo permanente estado de alerta e vigilância. Esta criança parece ter conseguido manter sua integração psíquica às custas de defesas obsessivas, que permitem o controle dos afetos, o contato e o ajustamento à realidade. Algumas características psicológicas detectadas pelos instrumentos de avaliação, tais como insegurança, desconfiança e depressão, foram citadas por Bowlby e Winnicott como conseqüências da negligência materna. A criança, apesar dos severos maltratos sofridos, demonstrou ter recursos psicológicos que possibilitam a manutenção de sua integridade, podendo-se inclusive levantar uma hipótese de resiliência, que deverá ser investigada em estudos futuros (**follow up**) com a utilização dos mesmos procedimentos.

ABSTRACT

This article presents a eight years old child psychological study, male, neglected, a serious physical (bites) and sexual abuse victim. This attack has almost led cause his death. Drawing-and-Stories Procedure, Child Thematic Aperception and Rorschach were administered. Results indicated passivity and dependence trends and caretaking needs. Maternal figure was internalized as passive and weakly. Environment is felt as threatening and cannot be trustworthy. Obsessive defenses allow his affects control and reality adaptation. Psychological characteristics found in child as Insecurity and depression were identified by Bowlby and Winnicott as neglect consequences. Despite his severe maltreatment, child presents psychological resources that allow to think whether it's a resilience case. This hypothesis could be confirmed on future studies (follow up) using the same procedures.

Palavras-chave: negligência, abuso sexual, maltrato infantil, técnicas projetivas

Key word: child neglect, sexual abuse, child maltreatment, projective techniques

INTRODUÇÃO

Violência doméstica, segundo Guerra & Azevedo (1998), é a violência praticada no âmbito familiar, por adultos (pais ou responsáveis) contra crianças e/ou adolescentes, por ação ou omissão daqueles. Os maus tratos ocorridos na família configuram-se sob a forma de negligência, violência física, violência psicológica e violência sexual, que são manifestações de violência interpessoal, pautadas no abuso de poder dos pais e/ou responsáveis que reduz sua vítima (criança ou adolescente) à condição de objeto.

Considera-se abuso físico ou violência física os castigos severos (incompatíveis com a idade e compreensão da criança) e os castigos que resultem em ferimentos. As crianças vítimas de maus tratos físicos geralmente apresentam marcas corporais antigas, relação com agressor marcada por medo. Não raro observa-se a identificação da criança com seu agressor, estabelecendo-se um padrão de relacionamento interpessoal marcado pela agressividade que é assimilada como algo “natural” ou “normal”. A humilhação desta submissão à agressividade alheia produz uma auto-imagem desvalorizada e sentimentos de culpa que leva, muitas vezes, a vítima a acreditar ser merecedora do castigo (Guerra & Azevedo, 1989).

O abuso sexual caracteriza-se por atos, jogos, brincadeiras sexuais entre um adulto e uma criança ou adolescente (menor de 18 anos). Sua natureza é variável, incluindo modalidades como contatos

físicos, voyeurismo, exibicionismo, masturbação recíproca, sexo oral, anal e genital, imagem em pornografia (Guerra & Azevedo, 1989; Rouyer, 1997).

Segundo Rouyer (1997), os abusos sexuais ocorridos em crianças antes da puberdade são os que produzem efeitos mais negativos nas áreas sexual e afetiva. Geralmente o abuso sexual é praticado por uma pessoa próxima, com quem a criança mantém um relacionamento de confiança e amor, e que com a qual estabelece uma silenciosa relação de submissão, coagida por ameaças e fortalecida pelo medo e pela culpa.

A incidência de quadros psicóticos, reações psicossomáticas, enurese, encoprese (geralmente em crianças pequenas que sofreram penetração anal), dores abdominais, interrupção da menstruação, distúrbios alimentares e rituais de higiene costumam aparecer em vítimas de violência sexual (Rouyer, 1997).

Entre todas as formas de violência doméstica, a negligência aparenta ser a mais branda pois sua manifestação é muito mais sutil. Por outro lado, ela se constitui na porta de entrada para o exercício das demais modalidades de vitimização, nos mais variados graus de severidade.

Entre as formas de negligência destacam-se a física (falta de interesse em relação às necessidades físicas da criança: alimentação, higiene, saúde, etc) e a afetiva (falta de interesse em relação às necessidades da criança, distanciamento emocional). Os sinais observados com maior frequência nas crianças negligenciadas são atraso no desenvolvimento psicomotor, desnutrição, desidratação,

doenças crônicas (decorrentes da falta de cuidados adequados), ausência de limites no comportamento da criança e acidentes domésticos frequentes, muitas vezes fatais.

OBJETIVO

O presente trabalho objetiva apresentar o estudo de caso de uma criança cuja negligência materna resultou em brutal violência exercida por terceiros. Trata-se de um estudo psicológico que, por meio de técnicas projetivas, revela as condições psicológicas de uma criança que sobreviveu à bárbara vitimização física – dilaceramento de partes do seu corpo por mordidas – e vitimização sexual.

Este estudo pretende ainda demonstrar como e em que medida a negligência, que tende a ser vista como um “mal menor” no universo da violência doméstica, pode abrir caminhos para o exercício das mais perversas formas de vitimização contra uma criança.

MÉTODO

Sujeito

O sujeito deste estudo de caso é uma criança de 8 anos de idade, de sexo masculino, de classe social baixa da periferia do Município de São Paulo, cursando a 1ª série do ensino fundamental, abrigada em Instituição de acolhimento por determinação judicial (Vara de Infância e Juventude).

Histórico de vida:

Este menino é o filho primogênito de um grupo de 3 irmãos e o único que permaneceu em companhia materna (os demais foram assistidos por terceiros). Aos 2 anos de idade, sua mãe foi detida por tráfico de drogas durante 1 ano e 4 meses, e este permaneceu sob os cuidados

de uma tia-avó. Aos 7 anos de idade a criança, que ainda não estava matriculado em rede oficial de ensino, foi passar uma temporada em companhia de seu futuro padrinho, a quem a mãe entregou inclusive a certidão de nascimento.

Após um mês em companhia do “padrinho”, a criança deu entrada no hospital desfalecida, com ferimentos gravíssimos pelo corpo (coxas, nádega, braço com partes da carne arrancadas por mordida) e cabeça. A criança também revelou ter sido vítima de abuso sexual.

Durante os 30 dias em que permaneceu com o agressor, a criança manteve contatos sistemáticos com a mãe e já apresentava sinais corporais de mordidas (marcas redondas, típicas de arcada dentária) nas regiões dos ombros, costas e barriga, os quais não foram percebidas por sua mãe.

Procedimento

Foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação da personalidade:

1. Procedimento de Desenhos-Estórias – desenvolvido por Walter Trinca em 1972, para conhecimento da dinâmica psicológica. Trata-se de uma técnica gráfica e temática que consiste em solicitar ao sujeito para fazer um desenho e, posteriormente, contar uma estória; ao final, realiza-se um inquérito (para eventuais esclarecimentos sobre o desenho e a estória) e solicita-se um título. Objetiva-se obter uma série de cinco desenhos livres, associados a estórias, com seus respectivos títulos (Trinca, 1997). O material obtido foi avaliado em grupos de conteúdo, segundo a proposta de análise de Tardivo (1997).
2. Método de Rorschach – desenvolvido por Herrman Rorschach em 1921, esta técnica projetiva fornece elementos estruturais e dinâmicos da personalidade. A aplicação do Rorschach é sempre constituída pelas fases de obtenção de respostas e de inquérito.

As normas de aplicação, classificação e interpretação do Rorschach utilizadas neste estudo foram as do Sistema Compreensivo (Exner, 1999; Exner e Sendín, 1999; Weiner, 2000).

3. Teste de Apercepção Infantil – forma animal (CAT-A) – desenvolvido por Bellack, publicado em 1949, destina-se à avaliação da dinâmica de personalidade em crianças entre 3 e 10 anos. A aplicação do CAT possui a fase de respostas (uma estória para cada uma das 10 pranchas) e inquérito. A avaliação do CAT baseou-se na obra de Tardivo (1998).

RESULTADO

Procedimento de Desenhos-Estórias

De maneira geral, as cinco produções da criança caracterizaram-se pela passividade, pela ausência de figuras maternas provedoras e positivas e pela manifestação de desejos relacionados à satisfação de necessidades básicas (proteção e alimentação).

A análise gráfica dos desenhos apontaram para um estilo mais realista, com pouca recorrência à fantasia (o que é geralmente atípico em crianças), e para uma tendência a relacionar-se de maneira reservada com o mundo. Provavelmente todas estas características sejam fruto da vivência da criança com uma mãe passiva e ausente (negligente) e da dolorosa experiência de ter sido violentada por uma pessoa por quem nutria afetos positivos.

A criança demonstrou dificuldade para expressar desejos ambivalentes, utilizando predominantemente formas estereotipadas de controle dos impulsos frente à ambivalência: organização, rigidez e presença de detalhes exagerados. As manifestações agressivas, quando não apareceram submetidas a formas rígidas de controle, foram negadas. Vale destacar que em três das cinco produções,

apareceram repetidos hábitos de higiene (tomar banho, lavar as mãos, escovar os dentes), o que parece denotar sua tentativa de livrar-se da “sujeira”.

Teste de Apercepção Infantil – CAT

As produções do CAT chamaram a atenção pela infantilização, pouca criatividade das estórias e pela acentuada presença de características obsessivas, expressas nas reiteradas recorrências à higiene dos personagens, ao longo das dez pranchas. A estrutura estereotipada, repetitiva e detalhista das estórias confirmam esta tendência.

A passividade da criança novamente mostrou-se na dinâmica dos personagens e na figura materna, ora empobrecida e pouco provedora, ora idealizada para atender suas necessidades e suprir suas carências.

A mãe ausente e a figura paterna são indiretamente atacadas. Os ataques agressivos e hostis não encontram livre expressão no teste e a tensão da ambivalência parece não ser suportada, o que tende a cristalizar ainda mais suas defesas rigidamente organizadas.

Método de Rorschach

Os resultados do Rorschach indicaram “Índice de Depressão” (DEPI) positivo, o que indica a presença de acentuadas experiências de depressão, com predomínio de afetos desconfortáveis.

A criança apresentou tendência a evitar a estimulação emocional e trocas afetivas, demonstrando sentir-se desconfortável frente ao contato afetivo levando-a ao isolamento social. Com isto, suas relações tendem a ser superficiais e limitadas, pois não experimenta as relações interpessoais de maneira positiva, sentindo-se pouco seguro nestas situações. A passividade também apareceu acentuada no Rorschach nas relações interpessoais e tomadas de decisões.

Sua auto-imagem mostrou-se impregnada de elementos negativos, com ca-

racterísticas desvalorizadas e indesejáveis, o que tende a acentuar episódios de depressão e a dificultar o estabelecimento de relações interpessoais. Além disto, os índices rebaixados de egocentrismo são preocupantes uma vez que isto é atípico em crianças (que tendem a ser egocêntricas) e por suas tendências depressivas.

Do ponto de vista cognitivo, seu estilo de pensamento tende a ser simplificador e rígido, de modo a não se utilizar de recursos complexos diante do campo de estímulos. Seu pensamento tende a ser convencional e pouco criativo, mas isto não decorre de limitações intelectuais mas de alterações emocionais que bloqueiam sua livre expressão.

A criança tende ao convencionalismo (adesão a normas socialmente aceitas) pois está submetida a um superego rígido, que pode gerar desconforto emocional (sentimentos de culpa).

Em relação a análise temática das respostas, o protocolo de Rorschach da criança chamou a atenção pela elevada ênfase em “olhos” e “boca”, que aparecem em 12 do total de 25 respostas. Do ponto de vista psicodinâmico, a ênfase nos “olhos” parece relacionar-se à sua desconfiança frente ao mundo e às pessoas, uma vez que possui razões em sua história pessoal para não confiar nas pessoas.

Chamou a atenção, ainda, a presença de 3 respostas com “dente” (“aranhas com dente”, “escorpião com dente”) no protocolo de Rorschach. A natureza da agressão sofrida pela criança – mordidas – também explica a presença de respostas com “boca” e a ocorrência de “dentes”. Vale destacar que as respostas que incluem “dentes” são consideradas essencialmente projetivas uma vez que são respostas com distorção na forma. Isto significa que sua percepção foi comprometida pela mobilização de afetos que se remeteram à violência sofrida.

Síntese interpretativa

Os três instrumentos de avaliação psicológica convergem em aspectos

fundamentais da estrutura e dinâmica de personalidade da criança. A passividade é um traço marcante, bem como as necessidades de cuidado e proteção, levando-a a assumir uma postura de dependência frente ao mundo. Por outro lado, a realidade e as pessoas parecem não lhe oferecer a satisfação que busca e necessita, pois não consegue estabelecer uma relação de confiança com o mundo, sentido como ameaçador e pouco confiável, merecendo permanente estado de alerta e vigilância, conforme demonstraram o CAT e o Rorschach.

Entendemos que esta ambivalência frente ao mundo tem como matriz a internalização de uma figura materna passiva e empobrecida, que existiu tanto nas produções temáticas (Desenhos-Estórias e CAT) quanto na história de vida pessoal da criança, marcada pela negligência materna. Mais do que empobrecida, a figura materna foi incapaz de proteger seu filho, que foi duplamente traído: por uma figura masculina em quem confiava (padrinho) e pela figura materna que, na sua passividade e incapacidade de perceber as necessidades do filho, não conseguiu identificar os “sinais” (inclusive corporais) que denunciavam o perigo.

Estas vivências de negligência materna também podem ser compreendidas à luz do que Bowlby (1981) denomina de “*privação de mãe*” e Winnicott (1983) de ausência de um “ambiente suficientemente bom”, ou seja, de uma incapacidade do ambiente de proporcionar contato afetivo, proteção e segurança à criança. Segundo Bowlby (1981), as conseqüências da privação para a criança variam conforme sua intensidade; a privação parcial produz angústia, grande necessidade de amor, intensos sentimentos de vingança que geram culpa e depressão. Cabe lembrar que todas estas características manifestaram-se nas técnicas projetivas utilizadas.

A angústia da ambivalência - gerada por estas vivências de desproteção e

abandono, pelo desejo de ser cuidado por figuras parentais que são ao mesmo tempo objeto de amor e ódio e por desejos concomitantes de aproximação e desconfiança – mobiliza defesas claramente obsessivas que realizam um controle rígido e sistemático dos afetos. O impacto deste controle na atividade mental da criança resulta no empobrecimento de seus recursos criativos e no bloqueio de iniciativas para a solução de problemas.

Suas defesas – caracteristicamente obsessivas – presente em todos os instrumentos utilizados, denotam sua atitude ambivalente frente aos objetos que teme perder. Sua auto estima rebaixada e a recorrente temática de higiene (banho) nos testes D-E e CAT, exprimem a forma como está sendo capaz de lidar com o sofrimento, desconforto e repugnância mobilizados pela violência sexual sofrida.

CONCLUSÃO

As vivências depressivas sinalizadas pelo Rorschach, aliada ao pouco centramento de si mesmo, é um sinal alarmante

e merece muita atenção por tratar-se de uma criança. Contudo, esta criança encontra-se em acompanhamento psicológico e o fato de apresentar capacidade de introspecção – ainda que impregnada de autocrítica negativa – torna-se um prognóstico positivo à medida que denota capacidade de auto reflexão e pode levá-lo a usufruir dos benefícios proporcionados pela psicoterapia.

Pode-se afirmar que, apesar de ter sido submetida a negligência, abuso físico e sexual praticados com requintes de perversidade, esta criança foi capaz de manter-se organizada às custas da rigidez de defesas obsessivas que permitem o controle dos afetos, o contato e o ajustamento à realidade. O fato de utilizar-se predominantemente desta defesa é favorável, do ponto de vista de prognóstico, visto que é uma defesa menos primitiva.

Pode-se, ainda, levantar a hipótese de ser um caso de resiliência. Todavia a confirmação desta hipótese será possível por meio de estudos ulteriores (follow up) realizados com os mesmos instrumentos de avaliação psicológica (Procedimento de Desenhos-Estórias, Método de Rorschach e CAT-A).

- Azevedo, M.A. & Guerra, V.N.A.(Org.). (1989). *Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Exner, J. E. (1999). *Manual de Classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). *Manual de Interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rouyer, M. (1997). As Crianças Vítimas, Conseqüências a Curto e Médio Prazo. In: M. Gabel (Org.), *Crianças Vítimas de Abuso Sexual* (pp. 62-71). São Paulo: Summus.
- Tardivo, L. S. C. P. (1998). *O Teste de Apercepção Infantil e o Teste das Fábulas de Düss*. São Paulo: Vetor.
- Tardivo, L. S. C. P. (1997). Análise e Interpretação. In: W. Trinca (Org), *Formas de Investigação Clínica em Psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias*. (pp. 115-156). São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (Org.) (1997). *Formas de Investigação Clínica em Psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias*. São Paulo: Vetor.
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da Interpretação com o Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D.W. (1983). *O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: ARTMED.

ANEXO

DESENHOS-ESTÓRIAS

1ª PRODUÇÃO - “DOIS COLEGA MUITO FELIZ”

(Demora muito tempo para iniciar a estória). A casa é bonita. (Pára de narrar). (Inq: *E o que mais?*). E nessa casa tinha um relógio. (Pára de narrar). (Inq: *E aí? O que acontece?*). Chegou um colega e os dois brincaram de paga-pegas. E aí, estava ficando à noite e o colega foi embora. E ele foi assistir televisão. Ele estava assistindo... não! Filme! Acabou. (Inq: *Quem morava na casa?*). Ele e a mãe dele. (Inq: *E qual filme ele estava assistindo?*). Os vampiros. (Inq: *E quando acabou o filme? O que ele fez?*). Foi dormir.

2ª PRODUÇÃO - “OS MENINOS FELIZES”

Era uma vez 3 carros. Um carro foi na escola levar livro e outro caminhão tava cheio de brinquedo para dar para crianças. O farol estava fechado. Aí, o farol abriu e os caminhões chegaram na escola e deram o livro. E o outro caminhão deu brinquedo. Aí eles voltaram e foram para a garagem. Os motoristas foram tomar banho. Depois do banho foi para a sala e depois foram jantar. Depois que jantaram lavaram os pratos e depois foram dormir. Acabou a estória. (Inq: *Para quem eles deram os livros?*). Para os alunos. (Inq: *E os brinquedos?*). Para as crianças. (Inq: *E por que deram?*). Porque a escola estava precisando de livros. (Inq: *E os brinquedos?*). Para os meninos brincar, porque não tinha.

3ª PRODUÇÃO - “OS TRÊS COMPANHEIROS”

(Terminou o desenho). Pronto! (Instrução para a estória). Peraí! (Desenha os jogadores e a bola). Era um dia, 2 meninos foram brincar no campo. Aí os meninos chutaram a bola, aí foi para o gol. E aí o goleiro tentou catar a bola e não conseguiu catar a bola. Aí o menino fez o gol e eles ficaram alegres. E depois... ele chutou a bola para fora. E aí o goleiro deu risada e ele foi buscar a bola. Aí ele chutou a bola e o menino deu uma cabeçada para o gol. Aí o goleiro conseguiu catar. Aí acabou. (Inq: *E o que aconteceu com o goleiro e com os meninos depois?*). Eles foram embora. (Inq: *Como eles estavam?*). Alegres.

4ª PRODUÇÃO - “O JARDIM SECRETO”

Deixa ver se eu sei agora (antes de iniciar o desenho). Era um dia, 2 colegas. Foram no jardim... ver como era o jardim. E eles ficaram brincando... (pausa)... de roda-roda. (pausa). E tinha 3 árvores bonita e tinha 9 flores. E eles ficaram alegres e depois eles foram para casa. Depois foram pegar a toalha para tomar banho. Depois do banho, eles foram para a sala e ficaram assistindo novela. E depois da novela foram jantar. Depois do jantar ficou um pouquinho na sala e depois foram dormir. Acabou. (Inq: *Onde eles moravam e com quem moravam?*). Eles moravam com a mãe deles. (Inq: *Secreto por quê?*). Porque era escondido e só eles sabiam. (E como era esse jardim?). O jardim era grande e bonito. (Inq: *E o que tinha lá?*). Flores e árvores.

5ª PRODUÇÃO - “A MÃE E O FILHO”

O que eu desenho agora? (Inicia o desenho). Aqui era o chuveiro. Pronto! Era uma vez a mãe e o filho. E a mãe... e o filho acordou, foi no banheiro, escovou os dentes e depois que ele escovou o dente foi arrumar a cama. Depois de arrumar a cama, foi brincar no parquinho. E depois que ele brincou no parquinho foi no banheiro. Depois que foi no banheiro foi na sala assistir televisão. E depois foi almoçar. Depois do almoço, ele foi escovar os dentes e quando ele acabou de escovar os dentes ele foi para a cama descansar. E depois ele levantou para lanche. Depois do lanche ele foi brincar no parquinho de novo. Aí estava escurecendo, ele voltou para a sala e depois a mãe dele chamou para jantar. Depois que ele jantou, ele foi assistir televisão e depois foi dormir. Acabou. (Inq: *Com quem ele morava?*). Com a mãe dele. (Inq: *Onde estava a mãe dele?*). Quando ele estava no parquinho, a mãe estava na sala. (Inq: *Fazendo o que?*). Assistindo televisão.

CAT – A

PRANCHA I - “OS 3 PATINHOS E A MAMÃE”

Os patinhos estava na mesa comendo e a mamãe ia dar um pouquinho de comida para cada um. Hum... Depois a mamãe catou um pouquinho de comida para ela comer e depois eles lavaram os copinhos deles. E depois eles secaram e guardaram. Depois descansaram. Depois voltaram a brincar e a mamãe ficou na porta vendo eles brincar. Depois que eles brincaram, eles foram no banheiro tomar banho, depois eles se enxugaram e foram para a sala. (Pausa). E depois a mamãe foi tomar o banho dela. Depois eles foram dormir. A mamãe colocou eles para dormir. Acabou. (Inq: *De que os patinhos brincaram?*). De queima. (Inq: *E o que a mamãe ficou fazendo depois que colocou os patinhos para dormir?*). Ela ficou assistindo um pouco de televisão e depois foi dormir.

PRANCHA II - "OS 3 URSINHOS"

(Sorriu quando viu a prancha). Os ursos estavam brincando de puxar corda e tinha 2 ursos contra um. E o outro ficou assustado porque ele tava sozinho e o outro grupo estava com 2. Aí eles começaram a puxar a corda, aí o urso que tava sozinho soltou a corda e os outros caíram. Aí os outros ficaram bravos e o que tava sozinho pediu desculpa. Aí os outros 2 falou que tava desculpado. Aí o pequenininho ficou brincando com o outro urso. E o urso grande ficou brincando com os 2 ursinhos. E depois eles foram no banheiro tomar banho. Cada um tomou banho e depois ficaram um pouquinho na sala conversando. Depois eles foram jantar e depois o ursinho pequeno foi dormir e os outros grandes ficaram assistindo televisão e depois foram dormir. E depois acabou a estória.

PRANCHA III - "O LEÃO TRISTE"

Hum... coisa difícil! O urso sempre ficava triste. Não! O leão sempre ficava triste. Aí todo dia ele sentava na cadeira e ficava pensando na vida. Depois ele foi acender o cachimbo e ficou fumando cachimbo. Depois ele apagou o cachimbo e foi sentar na sala. Depois ele foi lá dentro e foi tomar banho. Depois ele ficou se esfregando. E depois que ele se enxugou, ele foi sentar na cadeira. E continuou pensando na vida. E depois que ele acabou de pensar na vida ele foi jantar. Depois da janta ele foi dormir. Acabou. (Inq: *Por que o leão ficava triste?*). Porque não tinha ninguém para brincar com ele. (Inq: *Em que ele ficava pensando?*). Em como seria a vida dele. (Inq: *E como seria a vida dele?*). Seria triste. (Inq: *Porque?*) Porque não tinha ninguém para brincar.

PRANCHA IV - "OS 3 CANGURUZINHOS"

Os canguru foi passeando pela floresta. E a mãe canguru levou o filho dentro da roupa e o outro filho foi de bicicleta. E o filho que estava de bicicleta foi rápido e mão deu um pulo forte e o filho quase atropelou a mãe. E o filho se assustou. E depois a mãe ficou procurando onde estava o papai e ela ficou procurando, procurando e não achou. E o filhinho foi procurar na floresta para ver se ele estava lá. E depois o filhinho se perdeu na floresta. Depois a mãe ficou triste e chorando. E depois a mãe foi procurar o filho para ver se ela achava. Hum (pausa). E depois a mãe foi e achou o filho dela. E depois eles ficaram felizes para sempre. (Inq: *Por que a mãe levava o filho na roupa?*). Porque era muito pequeno, não conseguia pular ainda. Ele pulava fraquinho, senão ele ficava para trás. (Inq: *E onde estava o papai?*). Perdido na floresta. (Inq: *Por quê?*) Porque quando ele ia para a floresta. (Inq: *Porque?*). Porque quando ele ia para a casa da tia dele ia pela floresta. Aí ele catou o caminho errado e se perdeu.

PRANCHA V

Esse não é que nem aquela outra dos ursinhos? (Inq: *O que você acha?*). A cama do titio estava vazia e os 2 ursinhos ficaram assustados porque não tinha ninguém, só tinha eles dois. E o ursinho falou para o outro se não tinha ninguém atrás da porta que estava aí para assustar. E o titio chegou na casa e falou por que eles estavam com medo. Eles falaram que estavam com medo porque eles estavam sozinho. E depois o titio foi para a cama junto com a mãe dormir. E depois que eles dormiram, arrumaram a cama, depois foram escovar o dente e foram tomar café. E depois do café eles ficaram na sala. E depois que estavam na sala foram brincar e depois eles foram beber um copo de água. E depois foram tomar banho. E depois que tomaram banho,

foram para a sala. E depois da sala o titio chamou eles para jantar. E depois da janta eles para a sala, e depois da sala, eles foram dormir. Acabou. (*Inq: Por que a cama estava vazia?*). Porque o titio tinha saído na feira. (*Inq: Eles estavam com medo de que?*) De caçador. Porque tinha caçador de urso na floresta e eles estavam com medo. (*Inq: E a mamãe, onde estava?*). Foi trabalhar.

PRANCHA VI

De ratinhos? É. Os 3 ratinhos estava dormindo. E quando eles acordaram a mamãe estava dormindo e depois eles acordaram a mamãe deles para ir buscar queijo para comer. E depois eles se esconderam e a mamãe ficou assustada pensando que eles sumiram. Eles deram um susto na mãe deles e a mãe deles começou a dar risada. E eles foram almoçar. E depois do almoço eles foram dormir. E depois eles tomar banho e depois que tomaram banho comeram um pedaço de queijo. E depois que eles comeram um pedaço de queijo foram para a sala assistir televisão, e depois eles foram rezar para jantar.

Depois da janta, eles estavam com um pedaço de queijo e não deu para dividir para todo mundo e a mãe e o filho foram buscar mais queijo. E depois eles jantaram e foram dormir. Acabou (*Inq: E onde eles foram buscar o queijo?*). Na lojinha que só vendia queijo (*Inq: E porque eles quiseram dar um susto na mãe?*). Para brincar com ela.

PRANCHA VII - "A ONÇA ... O TIGRE BRAVO" (corrige-se)

Era uma vez um tigre que queria avançar no macaco. E o macaco ficou assustado e subiu para o galho. E o macaco falou para a mãe dele que o tigre queria catar ele e a mamãe dele ficou assustada e chamou o gorila para salvar. E o gorila lutou com o tigre. E o gorila deu uma paulada na cabeça do tigre e depois o tigre ficou tonto. E depois que o tigre ficou tonto, ele falou para a mamãe que ele, o tigre, morreu. E o tigre não tinha morrido e olhou o tigre e ele deu 2 pauladas na cabeça do tigre e ele morreu. E depois que o tigre morreu, o macaquinho ficou brincando. E depois o macaquinho foi com a mãe dele, foi pedir um pouquinho de água para a mãe dele. E depois que pediu um pouquinho de água para a mãe dele, ela foi brincar no galho. E depois que ela foi brincar no galho ele se cansou e foi com a mãe dele descansar. E depois que ele descansou, ele foi tomar banho e depois que tomou banho ele foi dormir. Acabou (*Inq: Por que o tigre queria avançar no macaco?*). Porque não gostava do macaco (*Inq: Mas por que não gostava do macaco?*). Porque o macaco só ficava brincando nos galhos e ele não gostava que ficavam brincando no galho.

PRANCHA VIII - "FAMÍLIA DOS MACACOS"

Macaco! (ri). Falta duas agora, né? (refere-se às pranchas). Vai até dez. A família do macaco estava conversando na sala. E o pai e a mãe estava tomando chá. E depois que eles tomaram chá eles ficaram conversando. E depois a mãe ficou falando para o filho que não é para bagunçar. E o filho foi para o quarto conversar com o irmão dele. E depois eles ficaram brincando de pula-pula na cama da mamãe. E a mamãe foi ver o que estava acontecendo no quarto. E depois a mãe falou por que estavam pulando na cama dela. Ela falou para eles pararem de pular na cama senão iria quebrar. E aí os dois... o titio e a titia foram embora. E a mamãe foi conversar com eles na sala por que eles estavam pulando no quarto. E a mamãe falou para eles não mais senão a cama vai quebrar. E depois eles foram dormir. E depois que eles foram dormir a mamãe ficou cuidando deles no quarto para eles não pular mais. Acabou (*Inq: E eles, pularam ou não pularam mais?*). Não.

PRANCHA IX - "A MAMÃE E A FILHINHA"

Êh! A mamãe da coelhinha foi buscar cenoura para elas comer, que a coelhinha estava com fome. E a mamãe deixou a porta aberta e a coelhinha ficou assustada. E depois a coelhinha foi na cama dela e ficou olhando a mãe dela pegar cenoura.

E depois a mamãe entrou, foi para o quarto dela e foi dar a cenoura para ela comer. E a filhinha pediu mais para a mamãe e a mamãe deu mais um pouquinho. E depois a mamãe mandou ela ir para o chuveiro tomar banho e depois que ela tomou banho ela foi para o quarto se enxugar e depois ela foi para a sala assistir televisão. Depois que assistiu televisão, ela foi na cama dormir. E depois que ela foi dormir, a mamãe foi dormir junto com ela. E depois elas viveram felizes para sempre. Acabou (*Inq: Por que a coelhinha ficou assustada?*). Porque ela pensou que ia entrar alguém na casa dela.

PRANCHA X - "OS CACHORRINHOS FELIZES"

De cachorrinho eu gosto! (ri). A mamãe cachorrinha falou para o filhinho: "filhinho, você quer ir no banheiro?". E ele falou: "eu quero". Aí ele foi no banheiro, fez xixi, deu descarga, lavou a mão, enxugou na toalha. E depois que enxugou a mão, ele foi brincar com a mamãe dele. E a mãe brincou de jogar bolinha para ele. Ele foi, pegou a bolinha e eles ficaram brincando. E depois que brincaram eles foram tomar água. E depois que foram tomar água foram brincar de novo. E depois eles foram tomar banho porque estavam muito suados. E depois que eles tomaram banho, eles foram se enxugar para ir para a sala. E depois foram assistir televisão. E depois que assistiram televisão foram jantar. E depois que jantaram foram para a sala assistir novela. E depois que assistiram novela a mamãe mandou o filhinho dormir. E depois a mamãe assistiu só um pouquinho de novela e foi dormir. Acabou. (*Inq: Quem morava aí?*) Só a mamãe e o filhinho.